

NINNANANNA ACALANTO LULLABY

ou

música de embalar pernas

1.

When you are near me, my heart skips a beat / I can hardly stand on my own two feet / Because I love you, I love you, I do – cantam Rosie and The Originals na gruta azul da Zaratan. Reza a *Rolling Stone* que Rosie Hamlin escreveu a letra de *Angel Baby* com catorze anos para o seu primeiro namorado, em 1960, mas a indústria quis roubar-lhe os direitos de autor. Ela lutou tanto que foi a primeira mulher latina a entrar no Rock and Roll Hall of Fame graças a essa primeira declaração de amor. Que em 1986 apareceu numa versão gravada por John Lennon - póstuma. «One of my all-time favorite songs», dizia ele na intro. E ainda: «Send my love to Rosie, wherever she may be.»

Mas não é disto que queria escrever, não. Era de pés e pernas e de pérolas. Porque é disto que se trata aqui. E de estradas. Um trilho de alcaçuz pelos sapais de Tavira ou um carril de centeio no Mar Interior de Seto, tanto faz. O que eu queria mesmo era compor um código de estradas ordenado por cheiro e desejos. Mas não agora. Agora vamos por desordem.

À *pesca na piscina*, troveja um escultor de som. À *pesca na piscina*, a tarde é um recorte de pernas. Em pé, na posição de flamengo cismático, ou cruzadas nos degraus do pátio, dobradas para espreitar o interior duma janela, sobrepostas, magras, entaladas, morenas. Para cima dos joelhos, começa um céu de calções rasgados, minissaias e mãos abandonadas pelos cantos. Pássaros em voo são público, performers, transeuntes, terapeutas do ruído, anfitriões. Depois, à hora combinada, das pernas em destaque semi-balnear passa-se directamente para os pés da Rosie, *I can hardly stand on my own two feet* e é daqui, parece, que a viagem do acalanto principia.

De pé nas pérolas, na indecisão das pérolas, uma mulher debate-se e avança. A nuvem onde se encontra fica presa no sopé das canelas, na falha da estrada. É uma potencialidade cheia de acidentes, por vezes milagres, uma estrada. E percorre-a sensualidade atada a um círculo antigo, um fantasma de princesa negro. Os braços como anéis uma armação de dias idênticos, um a seguir ao outro, uma planície surpreendida pelo pico máximo de nudez que é um arrepio de mamilos quando evidente. Súbito.

Um corpo festa agora aperta fivelas, rompe a prisão do colar, faz dele asas e de repente: tudo são estradas. A risca branca no cabelo negro é um túnel de segredos que leva a sequoias gigantes, esquilos, cheiro de amêndoa - adivinha-se. As pernas nuas são alamedas em cidades do norte iluminadas pelo néon do inverno, desejo de ostras e girassóis, malte nas narinas. As alças da camisola atalhos, velas por entre casas baixas, caídas de fresco, paira no ar ainda a picada química do amoníaco misturada com aloendro. Vamos. Os pés conquistam uma vida nova. Talvez te ame, talvez, gritam os calcanhares, mas preciso de plantar no chão esta raiz de revolta.

Saia vermelha e avental, luvas de plástico cor de cozinha, a mola que prende o cabelo vista daqui é uma rotunda, tem por saída paisagens imensas. Vamos. Peruca azul, luva amarela, seio em riste, música. Não adianta chorar e então: calça o Pierrot nas costas, como uma lembrança, my angel baby, meu Pierrot de peruca azul numa almofada de pérolas desmanchadas. O corpo nunca é um beco sem saída, my angel baby,

é uma árvore via de aceleração com muitos ramos de entrada e sentidos de marcha. Avental e mãe nas costas, braços que embalam, embalam agora cansaço. E pela frente há todo um código de estradas ordenado por cheiro e desejos.

2.

Fora do corredor que é a vida dentro do colar, fora das pérolas, bem assente nos pés, há uma janela. Bagaço e mosquitos. Um novo recorte de pernas. Os homens são todos jovens e bonitos alguns. Deuses seminus em roupão floreal de factory à portuguesa. À pesca na piscina. Um escultor de som está sentado em dezenas de cadeiras mínimas, desdobra-se por muitas pistas. Troveja borrascas de Mar Interior tempestado de brinquedos. É um triciclo e um boné de velho camponês, latino e egípcio, encantador de pássaros, todo ele feito chamariz pós-punk, pós-digital, pós-concreto. Um som que é matéria-mundo, e os cabos são caminhos e o loopar uma autoestrada de muitas faixas.

Escuta: uma senda de grilos à beira da ferrovia, tilintar de comboios, perfume açucarado, amoras silvestres, desejo de voltar atrás. Escuta: uma colagem de pontes, de ilha a ilha, rodovia sobre o mar, charuto e crocodilos, Caribe, mostrengos à porta das casas, intenso desejo de rum. Escuta: uma escadaria descendo por uma montanha abaixo, a pique sobre os limoeiros, e uma curva, do outro lado da costa, paraquedas nós em voo livre, o ar musgo doce, estrelas, vontade de ficar. Escuta: um silêncio.

Recorte de pernas, outra vez. Mas agora mapeado através do canal auditivo. Pernas inquietas, vai-se por encostas de som. Taludes. E ouve-se. As vozes fragmentadas do público são corta-matos e por aí, andando, surgem matagais de conversas como, por exemplo:

- *Estás só a tripar?* – diz uma rapariga.

- *Não, estou a pensar.* – responde a amiga

enquanto um estrangeiro conta a uma desconhecida:

- *Piazzolla, tango, I have a boné. And I'll take off my close and... you see. Probably it's a live scene. It's on October 18th*

Outubro. Outubro era a estação das avelãs quando o tempo ainda tinha apeadeiros. Um mês como outro, agora, uma data num calendário privado, vem repor a dimensão do tempo como trauma que quebra o espanto na nuvem do pátio. Fim. O encantador de pássaros fecha a janela, aliás veda o passeio. Anoitece no limiar do jardim. Tendões despedem-se. Tíbias roçam fibulas. Fíbulas afagam tíbias. Falanges assobiam.

Fim. Tudo são estradas esculpidas numa paisagem de som. Até a mais desamparada declaração de amor pode ser a avenida que leva ao Hall of Fame do Rock and Roll numa piscina insuflável. Às cinco da tarde, ou às sete. Tanto faz.

Send my love to Rosie, wherever she may be.